

**DISPARADORES, PAUSA E REFLEXÃO: COLAGENS DIGITAIS A PARTIR DE
CAPTURAS DE TELA (PRINTS) DE UM ATELIÊ PORTÁTIL**

**TRIGGERS, PAUSE AND REFLECTION: DIGITAL COLLAGES FROM SCREENSHOTS
OF A PORTABLE STUDIO**

Andressa Freitas¹
UFSM
Associado/a/e ANPAP: não

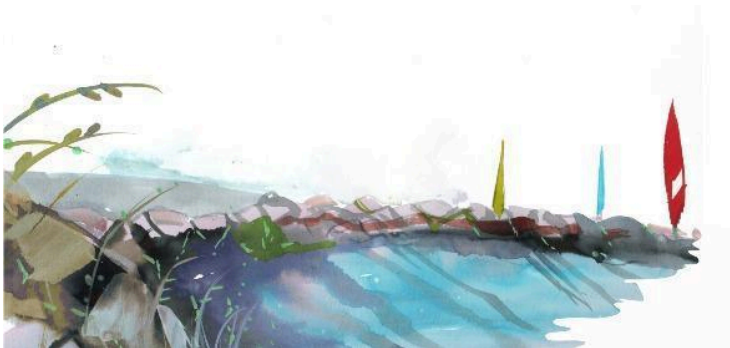
Resumo: Este ensaio visual investiga o uso de colagens digitais como linguagem poética a partir de capturas de tela realizadas durante o primeiro semestre do mestrado. O objetivo é refletir sobre os paradoxos do meio digital no processo criativo, marcados por mobilidade, excesso e desejo de pausa. A pesquisa, situada no campo das Poéticas Visuais, utiliza documentos de trabalho como disparadores e tensiona a presença das tecnologias como extensões do corpo e como meio.

Palavras-chave: Colagem digital. Ateliê portátil. Processo criativo. Extremos tecnológicos.

Abstract: *This visual essay investigates the use of digital collages as a poetic language, based on screenshots taken during the first semester of the master's program. The objective is to reflect on the paradoxes of the digital medium in the creative process, marked by mobility, excess, and the desire for pause. The research, situated in the field of Visual Poetics, uses working documents as triggers and explores the presence of technologies as extensions of the body and as medium.*

Keywords: *Digital collage. Portable studio. Creative process. Technological extremes.*

¹ Artista visual e pesquisadora. Mestranda do PPGART, graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria, com foco em Poéticas Visuais. Participante do Grupo de Pesquisa Arte Impressa e Ecologia/CNPq. Trabalha na linha de arte e visualidade, explorando a estética inacabada. <http://lattes.cnpq.br/8437206145712853>.



Este ensaio visual apresenta colagens digitais realizadas a partir de capturas de tela (prints) produzidas durante o primeiro semestre do mestrado, em 2025. As imagens foram feitas em diferentes dispositivos usados ao longo da pesquisa, em momentos de leitura, escrita e organização de materiais. Esses registros foram arquivados e, posteriormente, reorganizados e editados em colagens digitais. No início, o foco era capturar a espontaneidade visual da tela: abas abertas, notificações, cursores, fontes e paletas gráficas dos documentos em uso. Com o tempo, o processo passou a incorporar elementos de ficção e manipulação intencional das imagens, aproximando-se da ideia de simulacro (RANCIÈRE, 2018). Passou-se da simples captura à construção deliberada de imagens, tanto antes quanto depois do print.

A pesquisa propõe pensar essas imagens como documentos poéticos de um processo de criação em meio digital. Elas registram o início do mestrado, marcado por leituras intensas e estímulos variados, muitos dos quais não são aprofundados no momento em que surgem. Os prints, portanto, funcionam como registros para um acervo pessoal, que pode ser retomado e transformado em obras futuras, com novas temáticas, sempre trabalhando com o meio como ponto zero dos trabalhos (BRITTLES; TESSLER, 2002), sendo disparadores de novas obras e reflexões. As colagens preservam elementos típicos de capturas de tela, como guias, ícones, barra de endereço, navegadores, mas também revelam sinais de intervenção: sobreposições, duplicações, transparências e incongruências visuais. Esses desvios abrem espaço para uma leitura mais lenta e contemplativa, rompendo com o fluxo contínuo e acelerado da vida digital. Ação que somente acontece se o interpretante da imagem se permite parar e tentar decifrar o que é real e o que não é do print.

O uso do digital, inicialmente motivado pelo desejo de reduzir o consumo de materiais físicos, também impõe seus próprios extremos: exige energia constante, conexão, dispositivos de curta duração e uma infraestrutura tecnológica de alto custo ambiental. Nesse contexto digital, o ateliê se torna portátil. A criação acompanha a artista em qualquer lugar, dissolvendo as fronteiras entre tempo produtivo e tempo de descanso. Essa mobilidade amplia possibilidades, mas impõe novos extremos ao corpo e à experiência criativa. Essa vivência se relaciona com a ideia de homem biônico (COUCHOT, 2003), em que as tecnologias funcionam como extensões do corpo, não de forma anatômica, mas ao transformar profundamente os modos de agir, perceber e pensar. A mediação constante pelas telas molda os sentidos e a criação, instaurando formas híbridas de existência e produção artística.

O desejo de pausa e reflexão sobre as colagens digitais, nesse cenário, torna-se paradoxal. As imagens propõem um tempo dilatado e contemplativo, mas são vistas nas mesmas telas que impõem velocidade e sobrecarga. A escolha pelo digital, feita em nome da sustentabilidade, revela-se ambígua: evita o descarte físico, mas consome energia e recursos visíveis e invisíveis. O ensaio também propõe refletir sobre esses paradoxos, reconhecendo os extremos e as contradições do digital como parte constitutiva do próprio processo de criação.

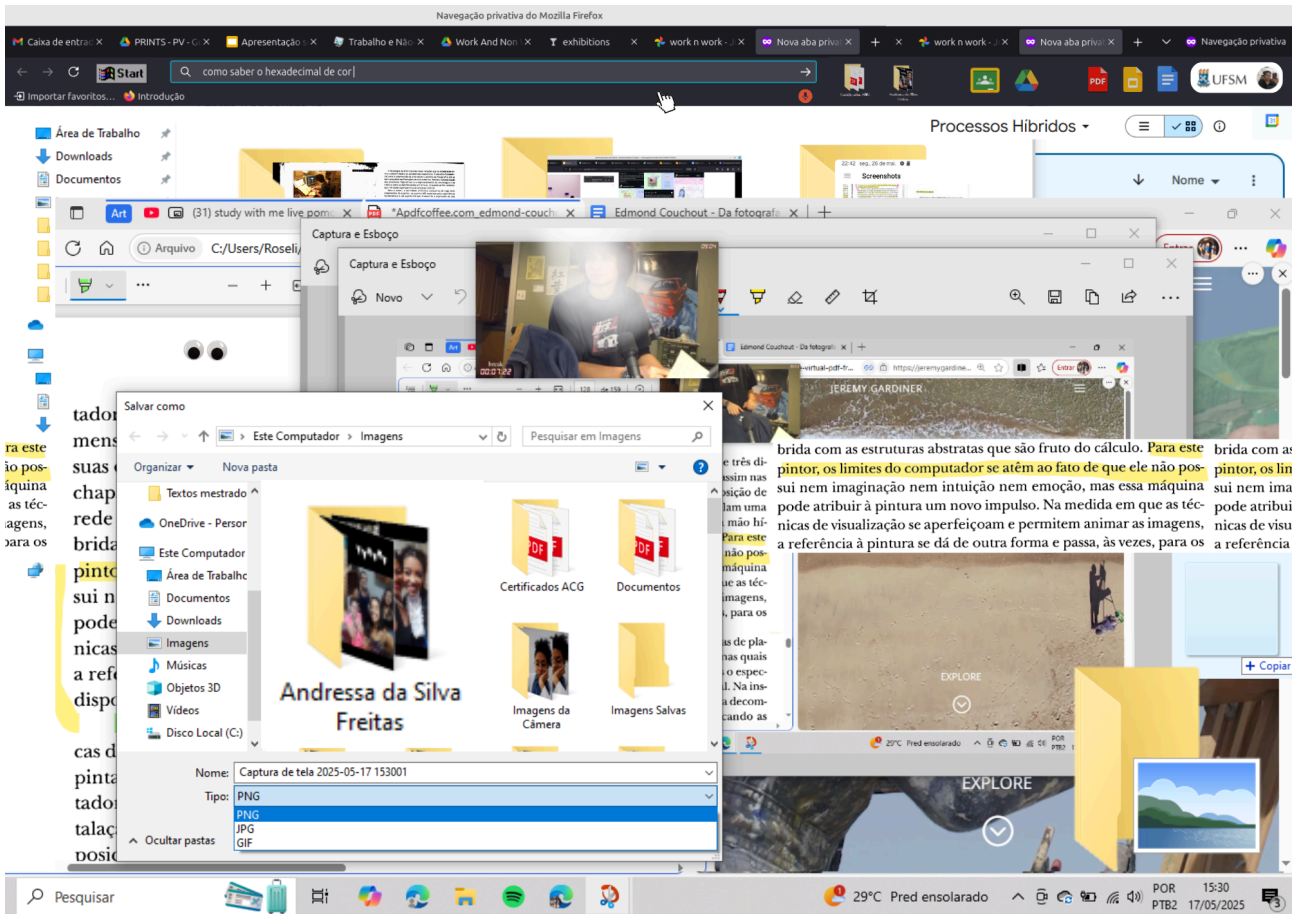


Imagem 1. Andressa Freitas, D.001, Colagem Digital, 1123x794 px. Santa Maria - RS, 2025.

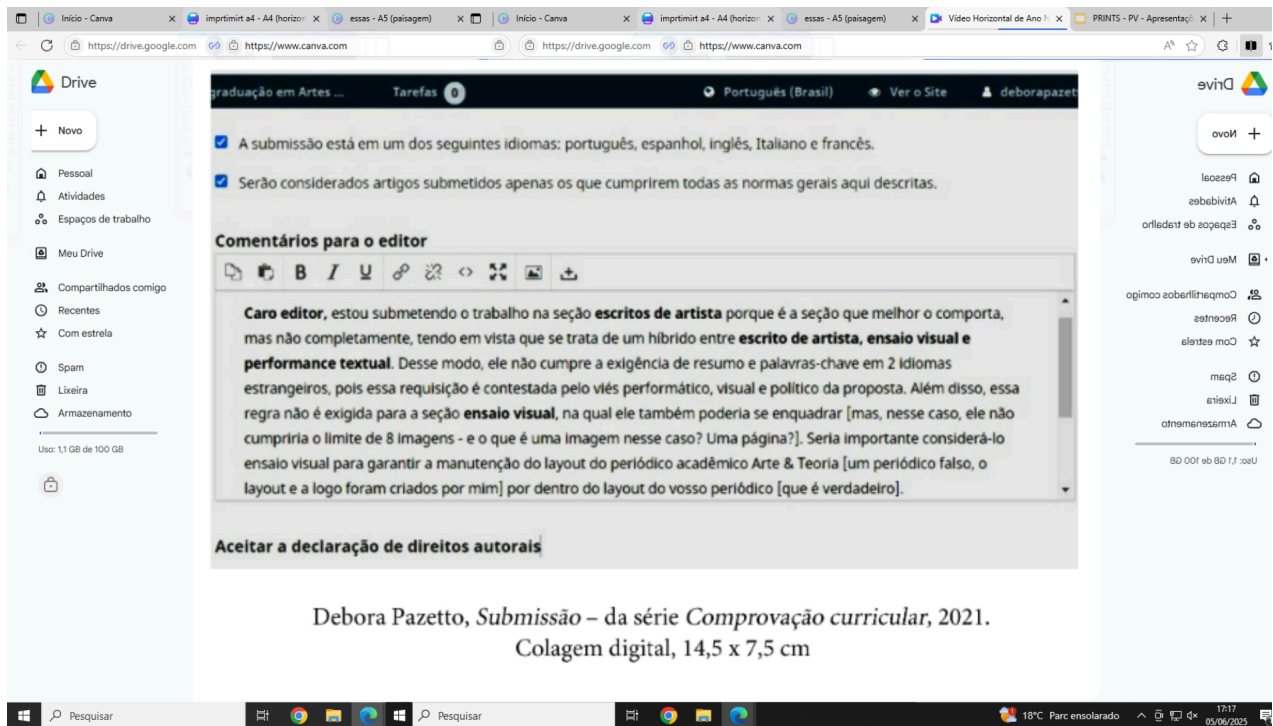


Imagem 2. Andressa Freitas, D.002, Colagem Digital, 1920x1080 px. Santa Maria - RS, 2025.

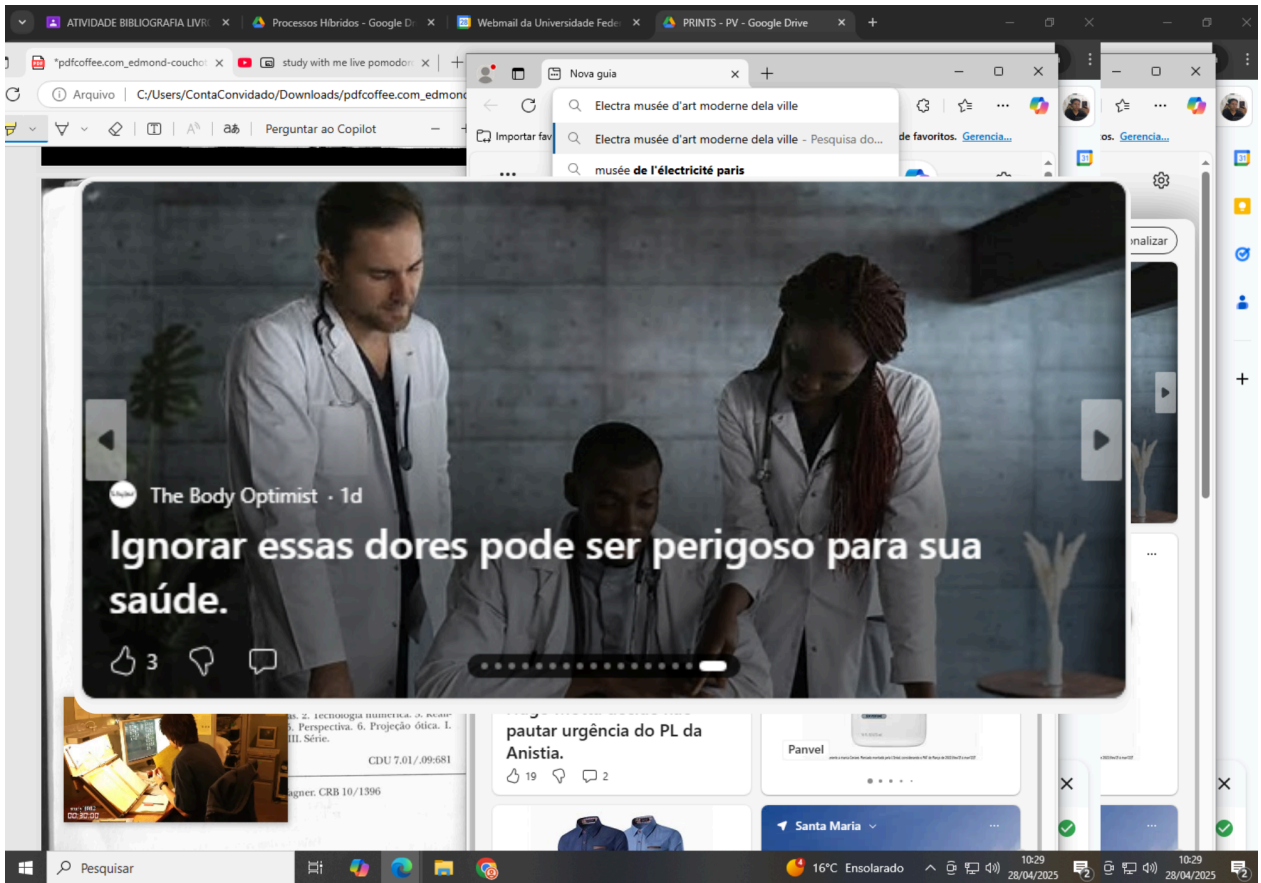


Imagem 3. Andressa Freitas, D.003, Colagem Digital, 1920x1080 px. Santa Maria - RS, 2025.

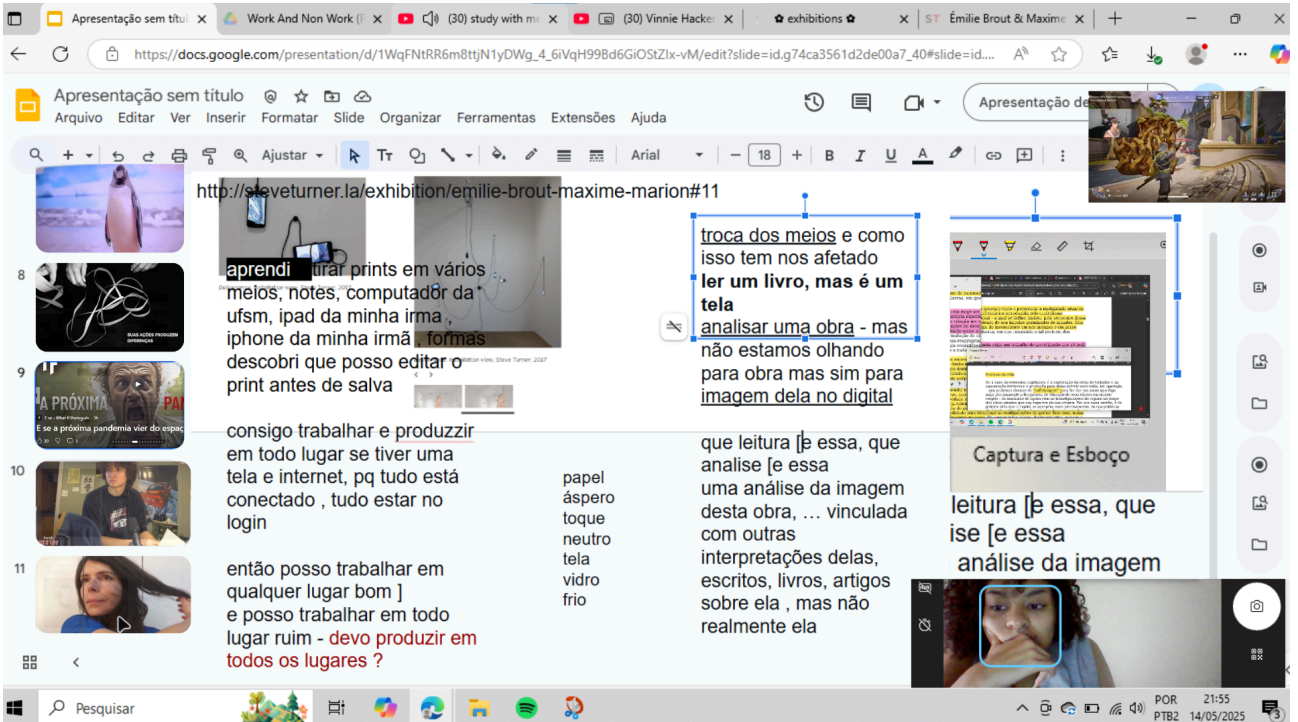


Imagem 4. Andressa Freitas, D.004, Colagem Digital, 1123x794 px. Santa Maria - RS, 2025.

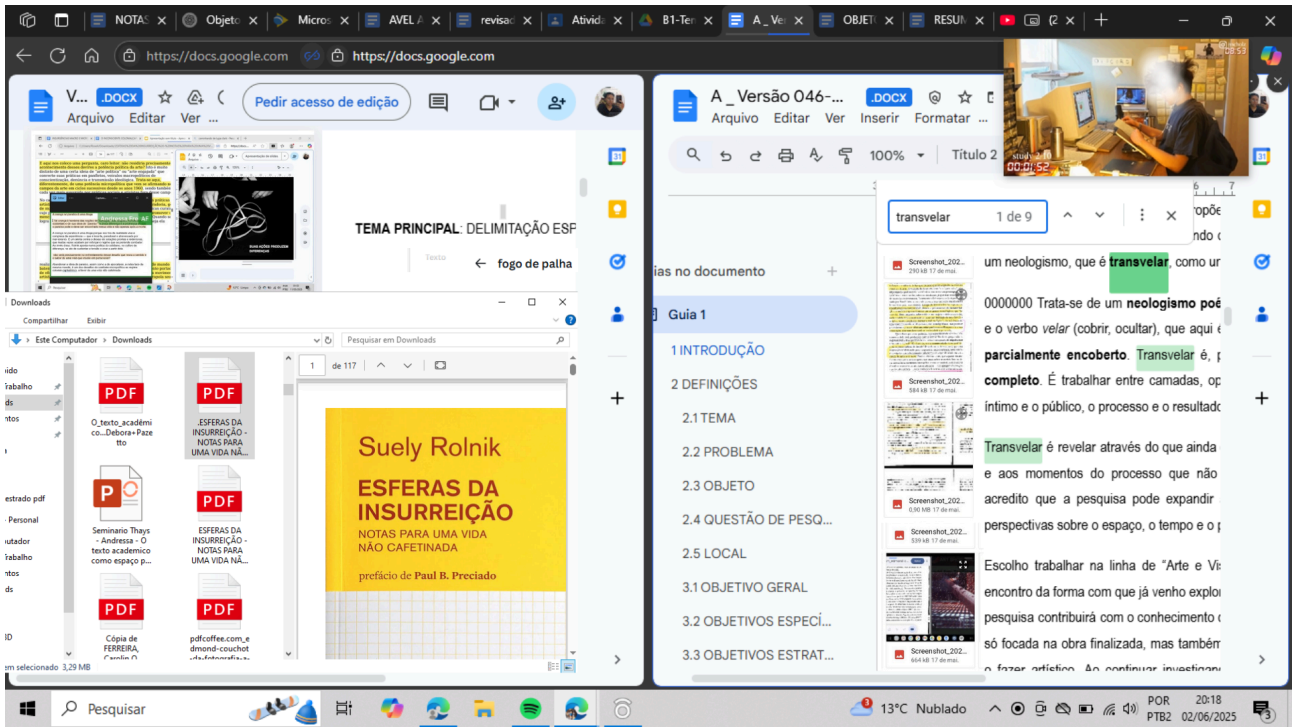


Imagem 5. Andressa Freitas, D.005, Colagem Digital, 1920x1080 px. Santa Maria - RS, 2025.

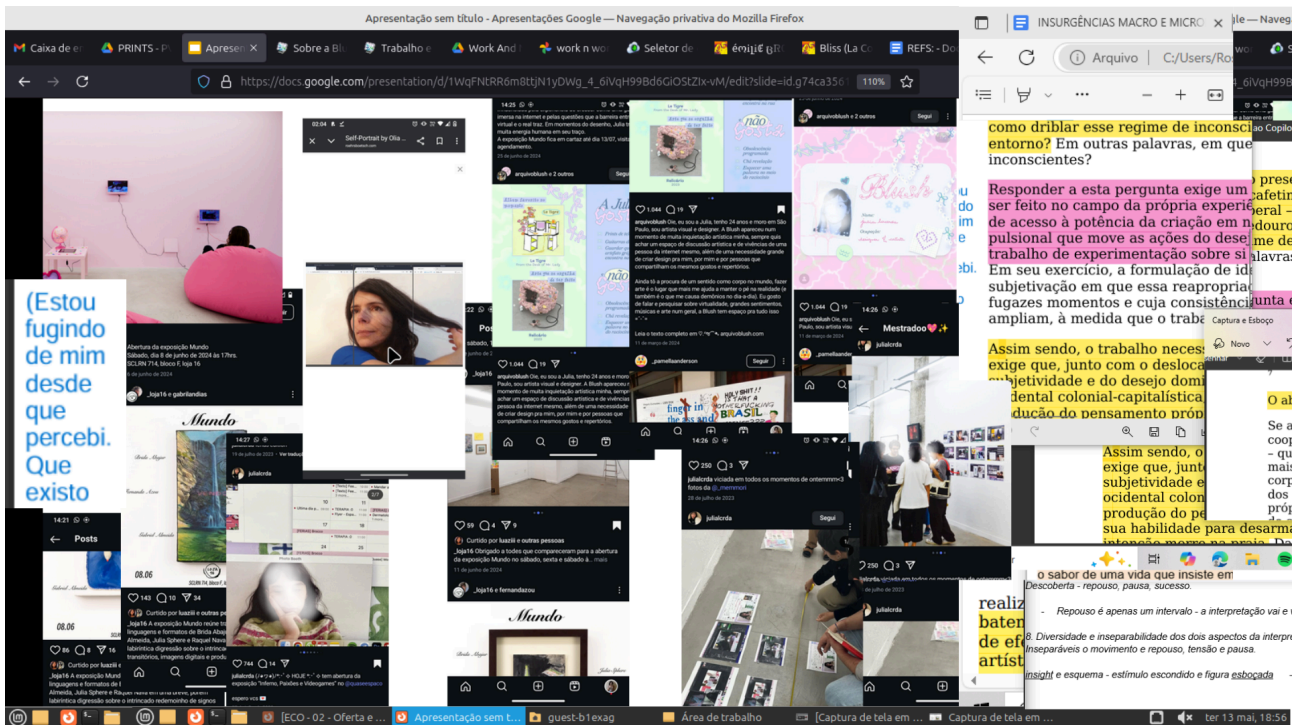


Imagem 6. Andressa Freitas, D.006, Colagem Digital, 1920x1080 px. Santa Maria - RS, 2025.

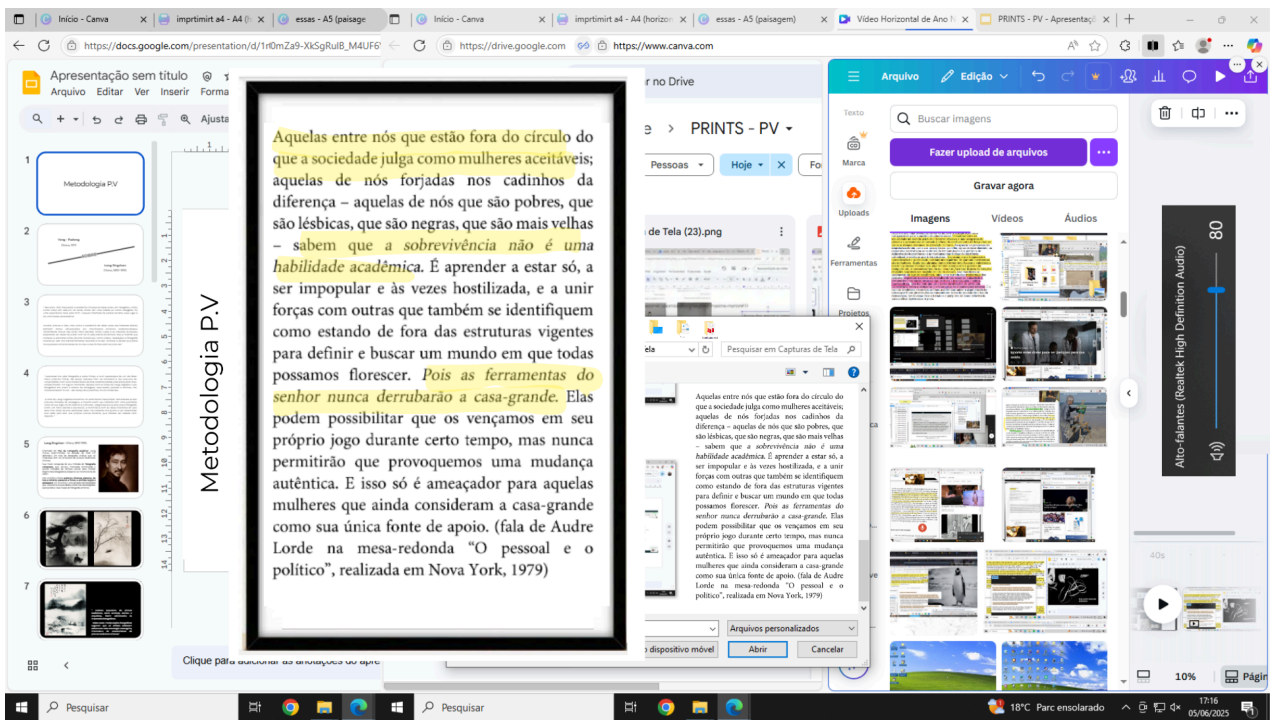


Imagem 7. Andressa Freitas, D.007, Colagem Digital, 1920x1080 px. Santa Maria - RS, 2025.

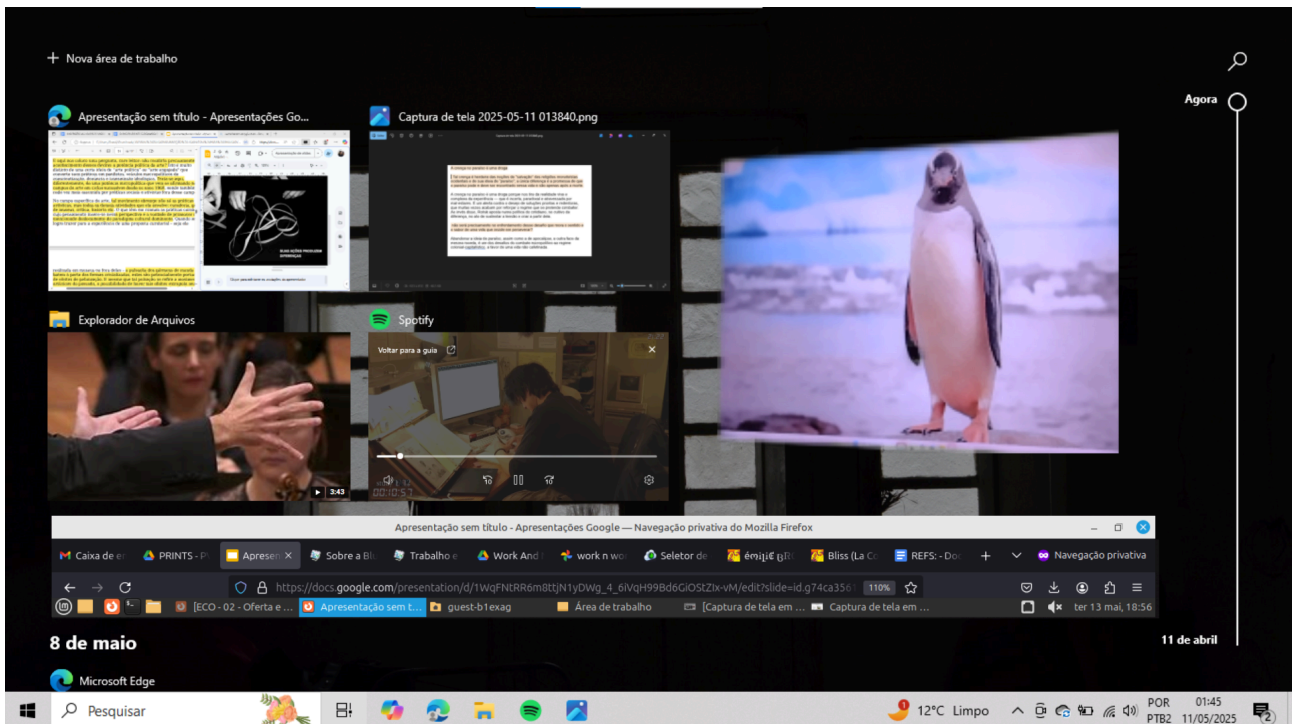


Imagem 8. Andressa Freitas, D.008, Colagem Digital, 1920x1080 px. Santa Maria - RS, 2025.

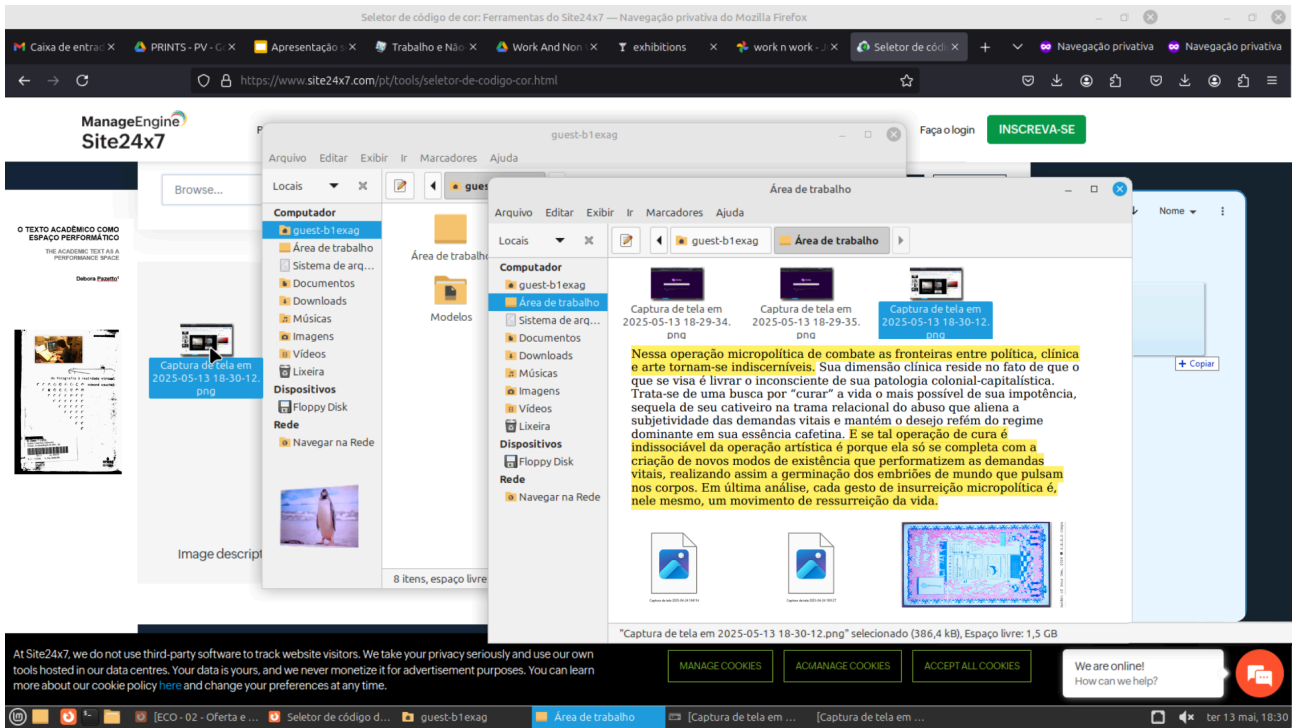


Imagem 9. Andressa Freitas, D.009, Colagem Digital, 1920x1080 px. Santa Maria - RS, 2025.

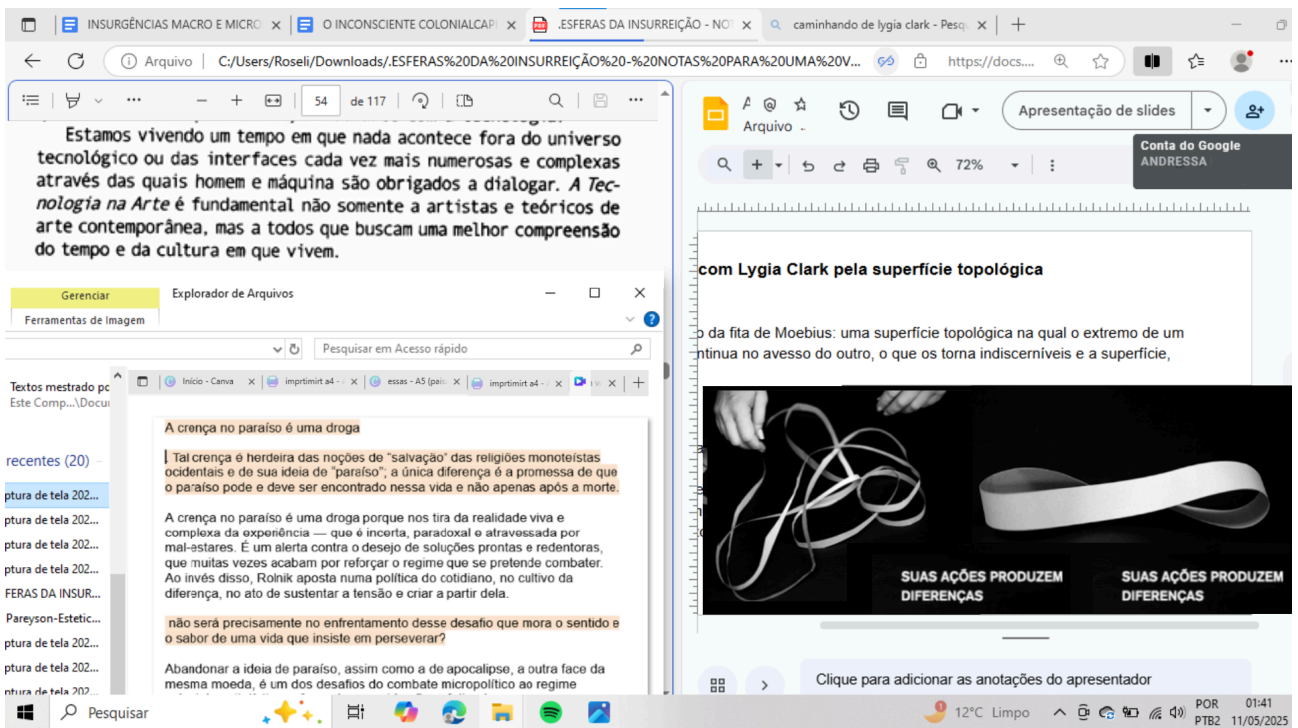


Imagem 10. Andressa Freitas, D.010, Colagem Digital, 1920x1080 px. Santa Maria - RS, 2025.

Referências

BRITES, Blanca; TESSLER, Élida (org.). **O meio como ponto zero**: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. 160 p.

COUCHOT, Edmond. **Da fotografia ao digital**: a mutação das imagens. Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Manole, 2003. 184 p.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2018. 72 p.